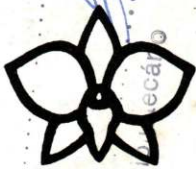


ORQUIDÁRIO

Livro Tombo n.º R.06

Obra n.º



Biblioteca

ORQUIDÁRIO

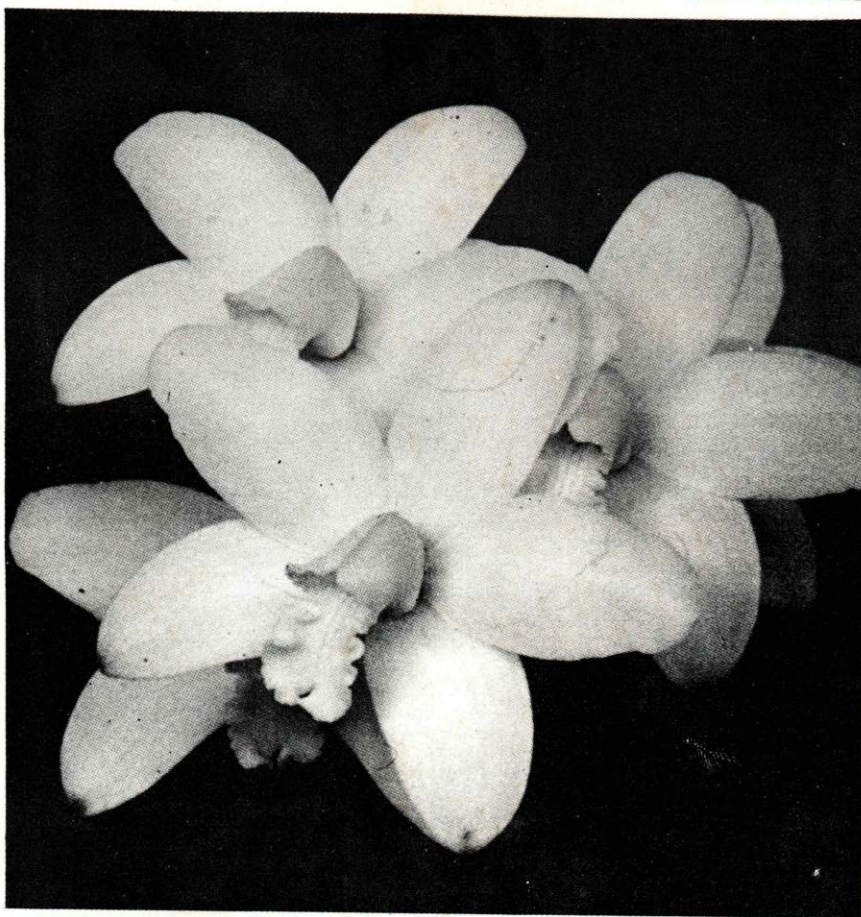
Revista Oficial
da

Orquidário

VOL. 2

Abr/Jun 1988

N. 2



R.06

OrquidaRIO

DIRETORIA

Presidente (licenciado)	Edward G. E. Kilpatrick
Presidente (em exercício)	Álvaro Pessoa
Secretário	Carlos Eduardo B. Pereira
Tesoureiro	Hans J. O. Frank
Diretor Técnico	Francisco Miranda
Diretor Social	Helena Eyer
Diretor de Exposições	Roberto Agnes
Editor	Francisco E. L. F. de Miranda
Comissão Editorial	Álvaro Pessoa Maria Cristina de C. Miranda Carlos Eduardo B. Pereira

NOTIFICAÇÃO AOS CONTRIBUINTES

A Revista ORQUIDÁRIO é publicada trimestralmente pela OrquidaRIO (Orquidófilos Associados do Rio de Janeiro), e é mandada a todos os seus Associados e demais Associações afins. Cópias avulsas da Revista podem ser adquiridas diretamente da OrquidaRIO por 1/4 OTN.

Artigos a serem submetidos para consideração e posterior publicação são aceitos pelo Editor a qualquer tempo. Manuscritos devem ser datilografados preferencialmente em espaço duplo e papel A4. Os manuscritos aceitos pela Comissão Editorial serão publicados na primeira oportunidade. Fotos preto e branco, desenhos e esquemas junto aos artigos são aceitos para publicação (no caso de fotografias, se possível fornecer o nome do fotógrafo). Artigos a serem publicados em uma edição específica, incluindo propaganda, devem ser recebidos pelo Editor até as seguintes datas, que serão rigorosamente observadas:

Mês de edição	Data final de recebimento
Março	15 de janeiro
Junho	15 de abril
Setembro	15 de julho
Dezembro	15 de outubro

Taxas para publicação de anúncios:

Página inteira	20 OTN
Meia página	10 OTN
Quarto de página	5 OTN

A OrquidaRIO tentará assegurar a confiabilidade dos anúncios publicados na Revista ORQUIDÁRIO, entretanto, não poderá assumir responsabilidade por quaisquer transações entre anunciantes e clientes.

Toda correspondência relativa à Revista ORQUIDÁRIO deve ser enviada para:

Francisco E. Miranda - Editor
OrquidaRIO
Rua Sorocaba, 122 - Botafogo
22271 Rio de Janeiro - RJ

A OrquidaRIO está aberta à participação de todos. Os associados terão direito à Revista ORQUIDÁRIO e a participar de todas as atividades sociais da OrquidaRIO. A taxa é trimestral no valor de 1 OTN.

ÍNDICE

CONTEÚDO

• Laelias Brasileira - Noções, Espécies e Cultivo - 6	Francisco Miranda	26
• Uma Aventura em Itabirito	Helena Eyer	31
• O gênero <i>Oncidium</i> - 2	Carlos E. Pereira	33
• JOHN LINDLEY	Osmar Júdice	38

NOTAS

Capa	23
Conteúdo do Próximo Número	24

COLUNAS

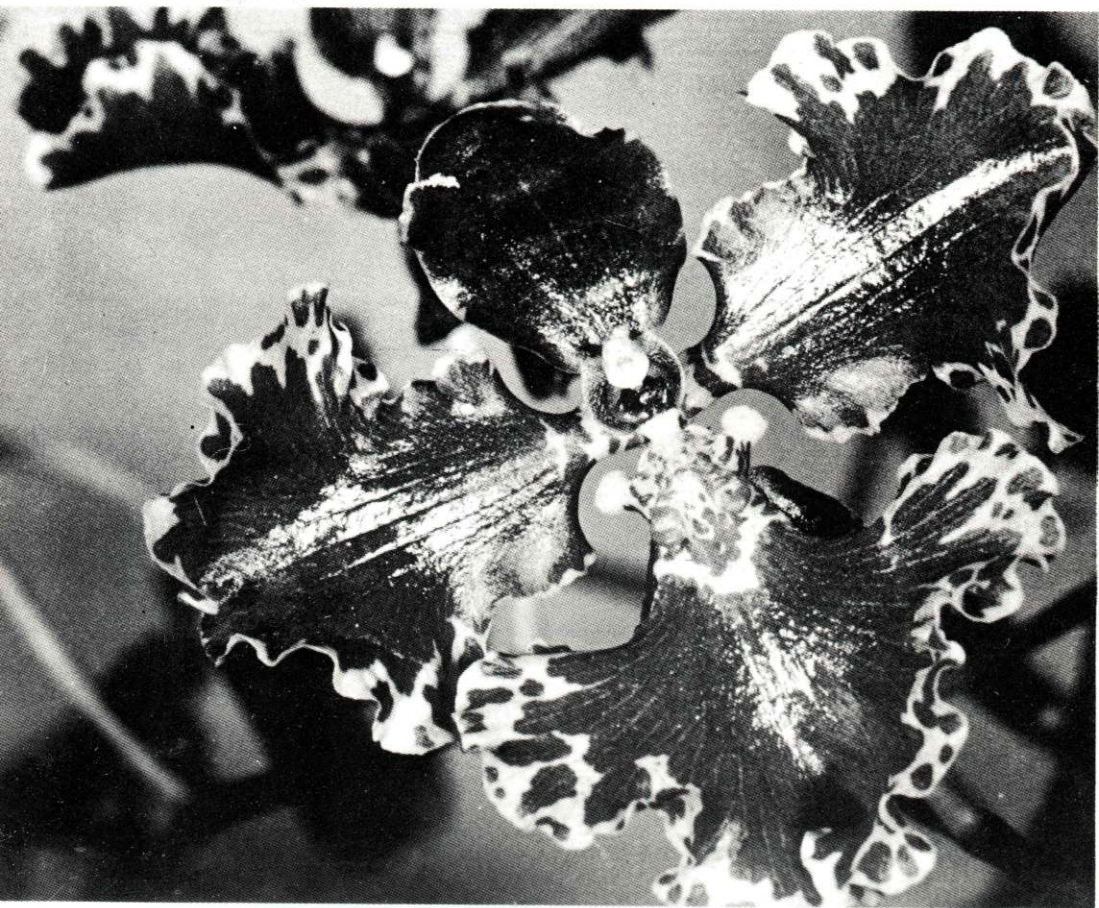
Editorial	25
-----------	----

CAPA

Laelias rupícolas de flores amarelas estão entre as orquídeas tratadas neste número. Entre as espécies deste grupo, se destaca *Laelia briegei*, por ser uma das que apresenta maiores e melhor formadas flores. A espécie foi descrita há relativamente pouco tempo, e o seu potencial em hibridação ainda está sendo explorado. Em termos de cultivo, é uma das mais fáceis no grupo e floresce com facilidade, tudo isso contribuindo para torná-la uma das espécies favoritas neste grupo.

CONTEÚDO DO PRÓXIMO NÚMERO

No próximo número, teremos a última parte da série à respeito de *Laelias* Brasileiras, incluindo as rupícolas de flores vermelhas e alaranjadas, sendo também tratada a única espécie da seção *Microlaelia*. Álvaro Pessoa inicia uma série sobre híbridos e híbridos Brasileiros. Carlos Eduardo Pereira continua sua série sobre *Oncidiums*, tratando da seção *Concoloria*, e Maria Cristina Miranda faz uma sinopse nomenclatural dos *Cryptodiums*.



Brevemente, *Oncidium* seção CRISPA.

EDITORIAL

Na maior parte de nosso País, com a entrada do outono temos o início da estação seca, e com isso novamente começamos a nos preocupar com nossas orquídeas nativas em seu habitat. Conforme muitas vezes já tivemos a oportunidade de mencionar, todo o dano causado pela ignorância de grande parte da população de nosso país nesta época atinge o seu máximo. Que todos sabemos que os problemas de queimadas, por exemplo, são culturais, ninguém duvida, mas que cada vez menos isso serve de consolo também é um fato, já que não existe justificativa para o pouco que sobra de nossas matas. Desta forma, antes que o resto de nossas florestas passe a ser apenas história, algo deve ser feito, em termos de tentativa de repressão. É certo que o órgão encarregado disto, a saber, o IBDF, está pessimamente equipado em termos de pessoal para exercer uma fiscalização eficiente. Entretanto, é também certo que seus esforços muitas vezes se concentram em aspectos de conservação de duvidoso efeito para o futuro. Sendo o IBDF tão carente de pessoal para fiscalizar a grande desgraça que assola todo o nosso ecossistema, é no mínimo um desperdício de esforço separar contingente para reprimir orquidófilos em uma área de nosso país que está entre as que mais rapidamente estão sendo dizimadas pelo fogo. Isso faz lembrar uma página de nossa história, relativa ao transporte de orquídeas pelo nosso País, quando era terminantemente impossível retirar orquídeas das matas. Reprimia-se quem coletava orquídeas, mas pouco se ligava para a derrubada de matas. Vemos hoje o Estado do Espírito Santo com menos de 4% de suas matas e podemos imaginar quantas toneladas de *Laelias* tenebrosas e outras orquídeas de grande valor ornamental foram queimadas, mas as consciências dos tecnocratas podiam ficar tranquilas, pois ninguém retirou as orquídeas das matas.

O recado a ser dado com esse exemplo é o de que nunca foi tão importante como hoje em dia fazermos tudo para conservar um metro quadrado de mata que seja, mas os conservacionistas devem ser objetivos e não emocionais, pois muitas vezes, por serem radicais e altamente emocionais, são ridicularizados e isso é simplesmente o efeito contrário a todo o seu esforço. Conservacionistas sérios e capazes de sustentar seus pontos de vista com objetividade e lógica é o que precisamos neste momento tão crítico pelo qual passamos.

FRANCISCO MIRANDA

Laelias Brasileiras · Noções, espécies e cultivo · 1

FRANCISCO MIRANDA¹

Seguindo a mesma metodologia usada na primeira parte do trabalho a respeito das *Laelias* rupícolas, as de flores róxas, aqui serão tratadas apenas algumas espécies mais características, entre as de flores amarelas. O grupo de espécies de flores amarelas é rico em problemas taxonômicos, e, seguindo a orientação dada a esta série, estes não serão abordados.

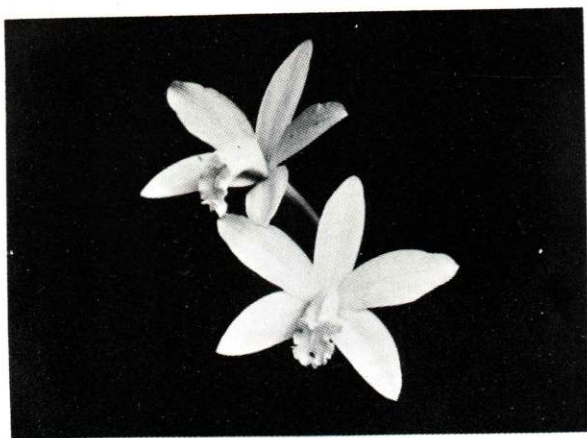
Apenas para situarmos os carâctísticos diferenciais entre as diferentes espécies, devemos mencionar que forma do labelo, número de cristas deste, e relação de dimensões planta/haste, assim como as próprias características dos pseudobulbos e folhas, são importantíssimos. Vegetativamente, existem espécies com folhas e pseudobulbos verdes, outras fortemente matizadas de rôxo e isto às vezes confunde espécies. Em termos de grupamento de espécies, o mais importante parece ser o número de cristas no labelo, havendo espécies com 2 cristas e outras com 4. As espécies com 2 cristas, que podemos exemplificar com *L. briegei*, se concentram na porção norte da distribuição, enquanto que as espécies com 4 cristas, como *L. flava*, se concentram na parte ao sul e arredores de Belo Horizonte. Exceções há, mas são raras.

Laelia flava

Sem dúvida a mais conhecida espécie de *Laelia* rupícola com flores amarelas. Além disso, deste grupo é a conhecida há mais tempo, desde a primeira metade do século passado. Seu porte vegetativo é muito característico, os pseudobulbos são cônicos, alongados e a única folha é quase plana, recurvada para trás. A planta toda é muito arroxçada, apesar do fato que é uma das espécies rupícolas que cresce em seu habitat protegida entre arbustos e fendas das rochas de minério. Sua inflorescência pode chegar a mais de 5 vezes a altura da planta, alcançando até mais de 50 cm, e suas flores são agrupadas na porção final. Seu colorido é geralmente em tons de amarelo forte e vivo, mas raríssimas plantas com flores alaranjadas já foram encontradas. Seu habitat são os afloramentos de minério de ferro nas serras da região de Belo Horizonte, e sua época de floração concentra-se entre julho e setembro. Como é espécie conhecida há muito tempo, muitos híbridos tem sido produzidos, todos caracterizados pelo hábito multifloro e dominante colorido amarelo (poucas exceções

¹Av. Edison Passos, 4490, Alto da Boa Vista, Rio de Janeiro 20531.

com relação ao colorido). Um problema taxonômico deve ser mencionado, não para ser discutido, mas apenas para se ter conhecimento, e isto diz respeito à chamada *L. flava* "sulina". As flores destas plantas são muito semelhantes às da típica *L. flava*, mas muitas características podem separar os dois grupos. Para começar, as plantas são completamente diferentes, pois no caso das "sulinas", são completamente verdes, e as folhas são perfeitamente eretas. A distribuição geográfica pode ser também considerada bem distinta, já que as "sulinas" são encontradas nos arredores das estâncias hidrominerais de Minas Gerais, e isso é o mesmo que dizer próximo aos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Finalmente, a época de floração é aproximadamente 2 meses mais cedo. Se estas populações "sulinas" devem ser consideradas uma espécie distinta, estudos ecológicos e morfológicos estão ainda por ser aprofundados.



Laelia flava

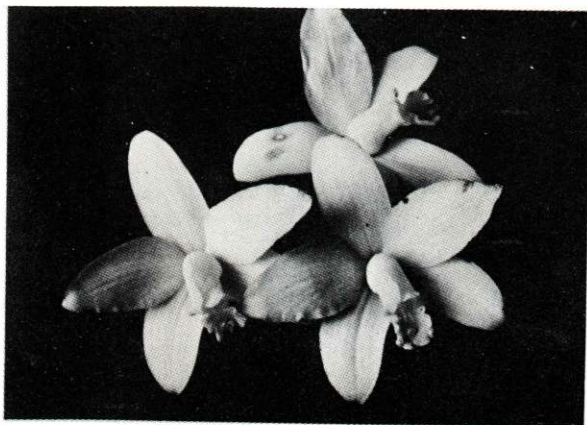
Laelia gloedeniana

Espécie por muitos considerada como variedade de *L. flava*. Entretanto, muitas características, a seguir listadas, separam muito bem as 2 espécies, e, se com mesmo isto tudo considerar-mos como uma só espécie, então não teremos critério para diferenciar nada neste grupo. Para começar, as plantas são completamente diferentes, aqui sendo muito mais robustas, com folhas eretas e bem acanoadas, tudo com coloração verde-maçã. As inflorescências em *L. gloedeniana* podem atingir até 1 m de altura, e as flores são bem espaçadas na haste, além de abrirem sucessivamente. Sua coloração é de um amareló mais alaranjado do que em *L. flava*, e seu habitat são rochas graníticas no Estado do Espírito Santo, como podemos ver, muito longe de *L. flava*. Um dado muito interessante a respeito de *L. gloedeniana*, ainda com relação ao habitat, é que esta espécie é provavelmente a única que pode ser encontrada em pedreiras à beira-mar, em algumas poucas localidades, sendo assim exceção à regra de que *Laelias* rupíco-

las só são encontradas em serras do interior, à mais de 800 metros acima do nível do mar.

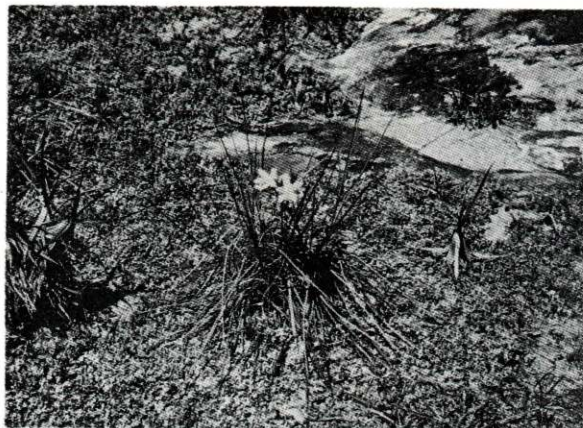
Laelia briegei

Uma das mais ornamentais espécies do grupo, com flores amarelo-intensas, provavelmente as de melhor forma dentre as espécies de rupícolas amarelas. As plantas possuem pseudobulbos cônicos, encimados por folha ereta, acanoada. As plantas algumas vezes apresentam matizes arroxeados. As inflorescências atingem até 5 vezes a altura das plantas, e as flores concentram-se bem no tôpo da haste. Estas flores muitas vezes apresentam-se concentradas a ponto de, à distância, serem difíceis de separar umas das outras. Estas flores, ainda, são um pouco menores, com relação às de *L. flava*, atingindo até uns 5 cm de dimensão máxima, mas seus segmentos são muito mais encorpados do que os da mencionada espécie, o que pode ser facilmente observado através



Laelia briegei

Laelia briegei:
Habitat.



de um rápido exame das fotos. Para completar, deve ser dito que as flores da espécie possuem apenas 2 cristas longitudinais no labelo, fato típico das espécies da região de Diamantina, sendo que *L.briegeri* é a maior das espécies rupícolas locais de flores amarelas, tanto vegetativamente como com relação às flores. Seu habitat são os lageados planos da região, geralmente em fendas ou à beira de pequenas moitas de Velloziaceas, mas sempre bem expostas à insolação. Sua época de floração é de setembro a novembro.

Laelia bradei

Outra das espécies com 2 cristas no labelo, e que, assim como a anterior, habita os arredores de Diamantina. Este grupo de espécies com 2 cristas e flores amarelas é constituído, na região, por 4 espécies algumas vezes difíceis de separar, cujas formas extremas seriam *L.briegeri* e *L.bradei*, aquela com as maiores plantas e flores, esta com as menores. As 2 espécies intermediárias são *L.esalqueana* e *L.itambana*, que entretanto aqui não serão tratadas por ser um tanto difícil caracterizar as duas ao nível deste simples artigo. *L.bradei* é espécie de porte vegetativo muito baixo, impossível de distinguir, por exemplo, de uma *L.ghillanyi*, esta de flores rãs, e de algumas outras ainda. As plantas pseudobulbos quase redondos, densamente agrupados e encimados por uma folha quase redonda, acanoadas, extremamente carnosas. Estas plantas geralmente apresentam coloração rã. As flores são produzidas em número de até 7 por inflorescência, pouco se elevando acima da planta. As sépalas e pétalas são amarelas, às vezes bem claras, quase cremes, com labelo amarelo a alaranjado. Seu habitat são as lajes de pedra planas, onde água se acumula durante o verão, de modo que muitas vezes as plantas podem ser encontradas vivendo dentro de poças de água, por acaso em sua época de floração, que vai de dezembro a fevereiro. A exposição ao sol é total ou quase.

Laelia bahiensis

Incluída aqui para, mais uma vez, ilustrar a faixa de distribuição das espécies deste grupo. A presente espécie, vegetativamente, assemelha-se a uma *L.flava*, porém com uma folha menos recurvada e bem mais larga. O colorido arroxado é, também, menos intenso. As inflorescências, assim como na mencionada espécie, são bem mais altas do que as plantas, atingindo até mais de 50 cm de altura, com flores menos agrupadas do que na mencionada *L.flava*, e estas são menores. O colorido varia de um creme-rosado até laranja-vivo, com labelo de disco branco orlado de laranja. Esta espécie vive na Serra do Sincorá, no Estado da Bahia, muitas vezes junto a *L.pfisteri*, de forma que estas formas de colorido creme-rosado podem ser resultado de cruzamentos e retrocruzamentos entre as 2 espécies, já que a forma dos segmentos florais das 2 espécies são muito semelhantes, assim como sua época de floração, de setembro a dezembro.



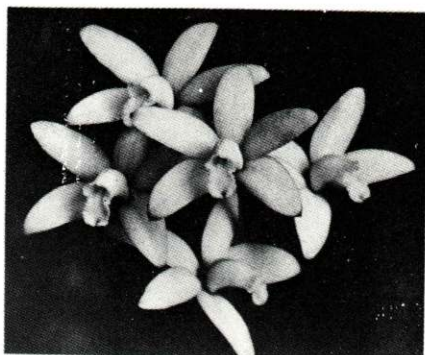
Laelia bahiensis

CONCLUSÃO

Este breve tratamento das espécies de *Laelias* rupícolas com flores amarelas mais uma vez serve para demonstrar a variabilidade deste grupo de plantas, tanto com relação ao habitat como a suas características vegetativas e florais. A menção de algumas poucas espécies deve ter sido suficiente para caracterizar o grupo, pois o tratamento de espécies menos definidas serviria apenas para complicar.

Algumas das espécies deste grupo tem uma distribuição mais ampla do que outras. No primeiro caso, temos *L. briegei*, com uma área de dispersão de algumas centenas de Kms², enquanto outras, como *L. itambana*, podem ser encontradas em locais muito restritos. Entretanto, parece possível observar que as espécies de flores amarelas tem, no geral, distribuição menos ampla do que as de flores rãs, apesar de que comparáveis em quantidade de exemplares nos locais onde aparecem. O isolamento de populações, tanto nas espécies de flores amarelas como rãs, parece indicar que estamos assistindo a um processo dinâmico de especiação, de forma que se encararmos as populações desta forma, a saber, entidades em constante evolução, chegemos à conclusão de que, mais uma vez, ao tentarmos separar espécies, muitas vezes estamos querendo dizer à natureza como ela deve se comportar, e não como ela realmente se manifesta.

Laelia bradei



Uma Aventura em Itabirito

HELENA EYER¹

Criado ou nascido em outra terra, a quem devemos ensinar que o Brasil não é uma terra qualquer? Tem seus defeitos e qualidades.

Minas Gerais é uma das qualidades do nosso país. Seu povo amigo, simples, porém profundo em sua sinceridade, suas riquezas minerais e a natureza pródiga em todos os aspectos.

Acreditem meus amigos da ORQUIDARIO que a coleta de orquídesa em Itabirito além de ter sido um lindo passeio, foi realmente uma aventura.

Saímos do Rio de Janeiro em três carros, às seis horas da manhã de um sábado feio, com muita chuva e frio. Com aproximadamente uma hora de viagem o tempo já estava claro e a temperatura agradávelíssima.

Rodamos umas cinco horas. Paramos em Santos Dumont para um café e seguimos viagem. Faltando pouco mais de uma hora para chegarmos à MBR Mineração, o "feeling" do Hans Frank fez com que parássemos no acostamento e pulássemos uma cerca de arame farpado, onde as senhoras foram batizadas com um tombo sobre o duríssimo solo de minério de ferro.

Há uns 50 metros da fatídica cerca, nos deparamos com os primeiros exemplares de *Oncidium blanchetti*, com bulbos robustíssimos e abundantes naquele local.

Os que levaram seu tombo não se lembravam mais das escoriações. A alegria foi geral e seguida das mais variadas exclamações.

Além dos *Oncidium*, o solo era todo revestido de *Bulbophyllum weddellii* que também foram coletados. Em menos de meia hora cada um dos oito participantes da excursão selecionou pelo menos três exemplares. Então todos muito animados pela perspectiva, seguimos para Itabirito, onde chegamos por volta do meio dia.

Na mineração, cada um recebeu um "capacete", procedimento obrigatório para todos que ali trabalham e para os visitantes, principalmente. A recepção gentil, mesmo carinhosa do pessoal da MBR não nos surpreendeu, porque nosso "guia" Hans Frank já nos tinha falado sobre o que iríamos encontrar.

Após as apresentações, foi-nos oferecido um almoço muito gostoso, servido em bandejas com requintes de higiene e cuidados especiais. Nossos parabéns a todos da copa e em especial à nutricionista.

¹ R. Ministro Viveiros de Castro, 32/309, Copacabana, RJ.

Terminado o almoço, fomos conduzidos ao Pico do Itabirito por uma Kombi da MBR, colocada à nossa disposição. Aí, começou a loucura...

Venham conosco. Nosso grupo caminhando sobre orquídeas e sob um céu azul, tendo ao fundo a imponência do Pico do Itabirito, considerado um monumento mineiro e, portanto, brasileiro.

Paramos um pouco abaixo. A base do Itabirito foi toda trabalhada para extração do minério de ferro. Porém, o pico encontra-se preservado na sua forma original. O panorama visto do local de mais alto acesso (aproximadamente 1.400 metros) é deslumbrante.

A quantidade de plantas é indescritível. Infelizmente, para apanhar as orquídeas, éramos obrigados a pisar em muitas delas, pois cobriam todo o terreno.

Oncidium, *Laelia*, *Epidendrum*, *Bulbophyllum*, *Bifrenaria*, muitas em flor. Estávamos boquiabertos... Apesar de termos sido alertados da existência de muitos escorpiões, nem tomamos conhecimento, tal o espanto em ver tanta orquídea de uma só vez.

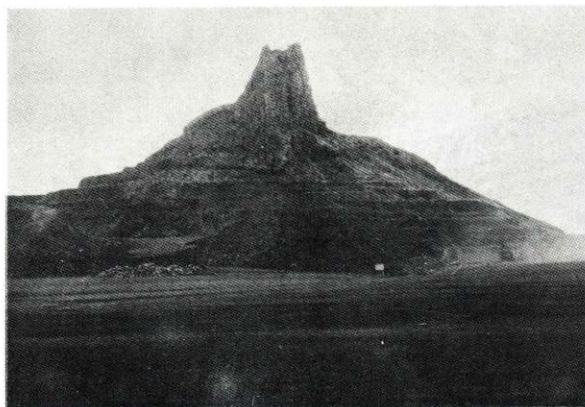
Deste local, voltamos à sede da MBR onde tomamos um café e descansamos por uns dez minutos.

Não podemos deixar de agradecer ao Engenheiro Mauro, de plantão naquele sábado, ao Fernandes, ao Cleyton, a gentileza e cuidado conosco, assim como também mencionar nosso amigo José Cata Branca, peão empregado da mineração e descendente direto dos ex-proprietários do local. Ele nos levou a outro sítio a uns 100 metros da Sede da MBR. Outra loucura. Não sabíamos o que coletar devido a grande incidência de *Laelias* rupícolas, em sua maioria floridas.

Às três horas da tarde havíamos terminado a coleta, selecionando cuidadosamente as plantas e, como manda o figurino, deixando sempre a parte trazeira da touceira.

Para terminar, uma das coisas importantes que aprendi, apesar de já ter participado de diversas palestras e ilustrações sobre o assunto, foi ver as orquídeas em seu "habitat" natural, o que é bem diferente das informações obtidas em literatura própria. A experiência "in locum" foi realmente uma coisa inédita para mim, neófito em orquidofilia.

Pico de
Itabirito



Notas sobre o

gênero *ONCIDIUM* - 2

CARLOS E. PEREIRA¹

Como já foi citado no número anterior, as espécies do gênero *Oncidium* são agrupadas em secções, de acordo com características comuns a elas. Aqui trataremos da secção *Paucituberculata* que, embora tenha como características flores bastante pequenas estas são de uma leveza e delicadeza de detalhes e em alguns casos formando uma inflorescência tão ramificada e densa que, se usadas em ornamentação, podem produzir um efeito comparável ao de orquídeas de flores maiores.

É bom lembrar que, com algumas poucas exceções, as características aproveitadas pelos taxonomistas para a separação das diversas secções do gênero *Oncidium* são próprias da flor, não se levando em consideração o hábito vegetativo da planta. Por exemplo, nesta secção existem dois grupos de plantas com aspecto totalmente diferente em morfologia vegetativa.

GRUPO 1 - *O. aberrans* Schltr.
O. edwallii Cogn.
O. hians Lindl.
O. kraenzlinianum Cogn.

GRUPO 2 - *O. hookeri* Rolfe
O. loefgrenii Cogn.
O. paranaense Kraenzl.
O. raniferum Lindl.

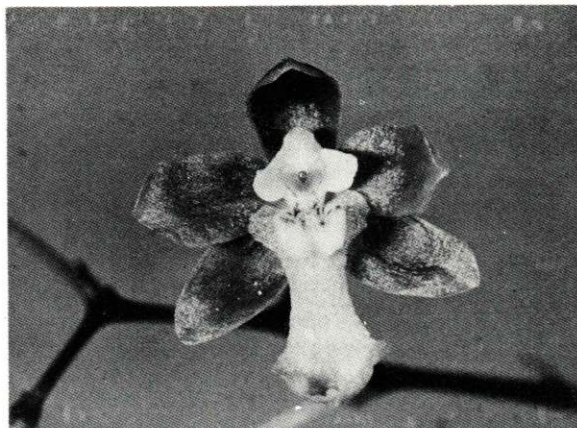
As espécies da secção *Paucituberculata* possuem pseudobulbos agregados ao longo do rizoma, de tamanho proporcional ao tamanho da planta, com uma ou mais folhas em seu ápice.

Um grupo de espécies, composto *O. edwallii* e afins (grupo 1 acima), possui pseudobulbos achatados com uma folha no ápice de cor verde-acinzentada e fôscas, bastante carnosa e rija e em forma de lâmina achatada.

O segundo grupo, com *O. hookeri* e afins, apresenta pseudobulbos cônicos com duas ou três folhas no ápice de cor verde viva e brilhante, macias e delgadas, lineares afiladas no ápice.

O primeiro grupo produz inflorescências não ramificadas com poucas flores, enquanto que o segundo as produz bastante ramificadas e conseqüentemente com muitas flores.

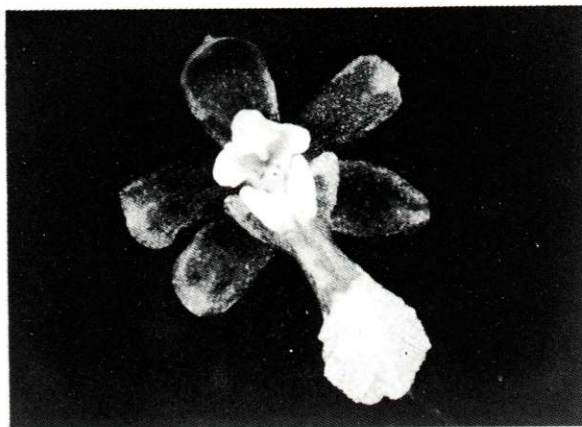
¹R. São Clemente, 398/907, Humaitá, Rio de Janeiro.



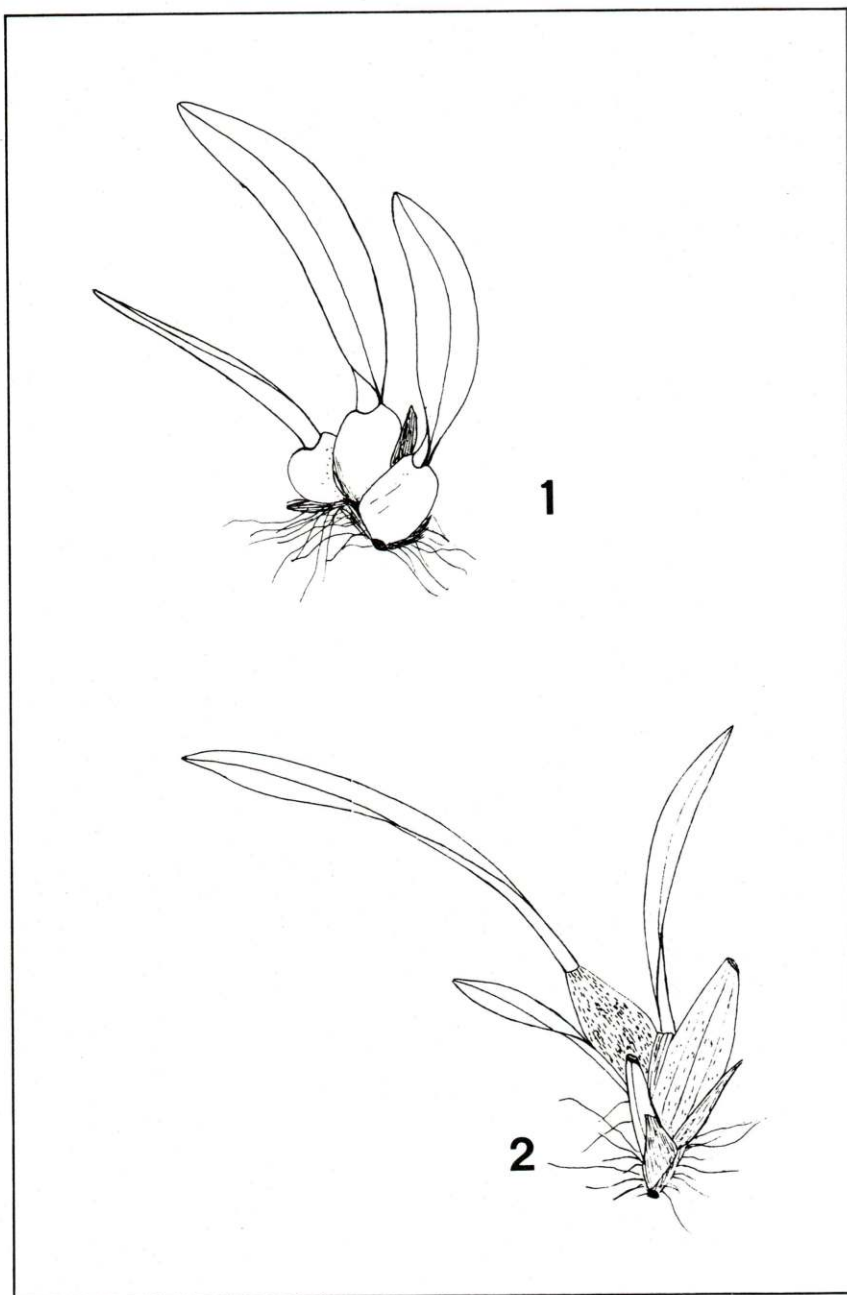
Oncidium edwallii

As flores possuem sépalas e pétalas minúsculas com aproximadamente 0.5 cm de comprimento e labelo trilobado apresentando em seu disco um número par de calos em forma de pequenos dentes no caso das espécies do primeiro grupo, ou pequenas protuberâncias formando diferentes configurações como nas espécies do segundo grupo. A separação das espécies é feita principalmente levando-se em consideração o aspecto morfológico do labelo e de suas calosidades e também o formato e disposição das sépalas e pétalas. Uma descrição detalhada destes segmentos florais é enfadonha e de difícil visualização e portanto será omitida. Abaixo daremos algumas poucas informações sobre as espécies da seção que, embora incompletas, ajudarão no seu reconhecimento.

O. edwallii - Pseudobulbos pequenos e folhas compridas em relação a eles. Sépalas e pétalas largas amarelo-esverdeadas voltadas para frente. Labelo amarelo pálido com a calosidade branca pintalgada de vermelho. Habitat: serras do Espírito-Santo até o Rio Grande do Sul e Minas Gerais.



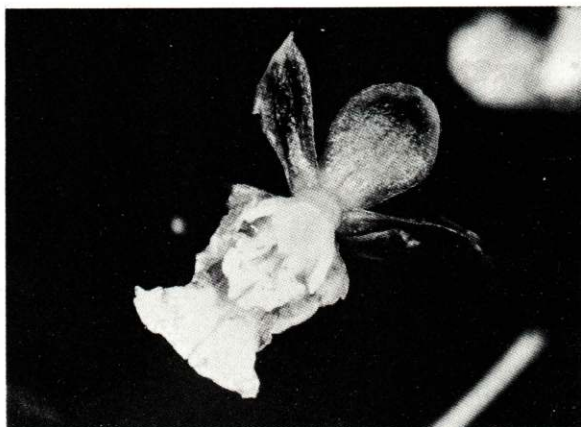
Oncidium hians



Vista Geral - PORTE VEGETATIVO

1 - Grupo *O. EDWALLII*

2 - Grupo *O. HOOKERI*

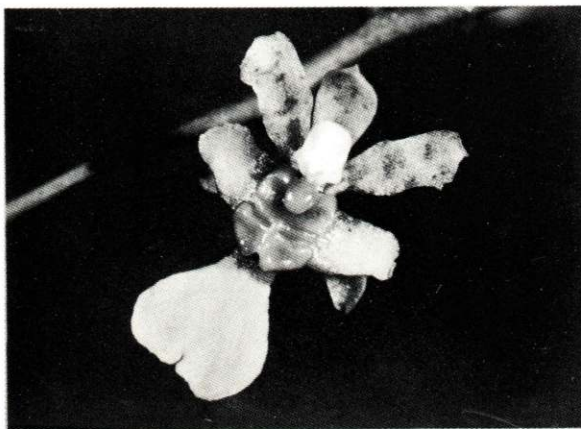


Oncidium
kraenzlinianum

O. hiants - Pseudobulbos pequenos com folha proporcional ao seu tamanho. Sépalas e pétalas largas avermelhadas e marginadas de amarelo, eretas. Labelo metade avermelhado e metade amarelo com a calosidade branca. Habitat: serras do Espírito-Santo ao Paraná e Minas Gerais.

O. kraenzlinianum - Pseudobulbos pequenos com folha comprida em relação a eles. Sépalas e pétalas largas esverdeadas manchadas de marrom, voltadas para trás. Labelo branco com linhas violáceas com a calosidade branca sobre fundo violáceo. Habitat: serras do Espírito-Santo e Rio de Janeiro.

O. hookeri - Sépalas e pétalas amarelo-esverdeadas manchadas de marrom, as sépalas laterais escondidas atrás do labelo. Labelo amarelo com disco alaranjado e lobos laterais triangulares, agudos. Habitat: serras do Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul e Minas Gerais.



O. loefgrenii - Sépalas e pétalas amarelo-esverdeadas manchadas de marrom, as sépalas laterais escondidas atrás do labelo. Labelo amarelo com disco alaranjado e lobos laterais retangulares, arredondados. Habitat: serras do Espírito-Santo ao Rio Grande do Sul e Minas Gerais.

O. paranaense - Sépalas e pétalas largas amareladas, as sépalas laterais escondidas atrás do labelo. Labelo amarelo com lobos laterais largos dando a impressão de serem dobrados sobre si. Habitat: serras do Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul e Minas Gerais.

O. raniferum - Sépalas e pétalas amarelo-esverdeadas manchadas de marrom, as sépalas laterais escondidas atrás do labelo. Labelo amarelo com disco alaranjado com lobos laterais largos e afilados. Habitat: serras de Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo.

As espécies *O. hookeri*, *O. loefgrenii* e *O. raniferum*, possuem as calosidades do labelo dispostas formando configurações próprias a cada uma delas, e de fato esta é a característica diferencial mais importante entre elas.

Quanto ao *O. aberrans*, não foi abordado pois muito pouco se sabe a seu respeito, além do fato de pertencer ao grupo onde está colocado.



Laelia bradei:
Habitat.

JOHN LINDLEY

OSMAR JUDICE¹

Inegavelmente, o século XIX pode ser considerado a pedra basilar, no que se refere à Orquidologia e à Orquidofilia.

A revolução Industrial ocorrida na Inglaterra a partir do final do século XVIII e início do XIX, a expansão e consolidação do domínio colonial inglês e o desenvolvimento alcançado pela Ciência, com novas invenções e descobertas, cobriram este período da História e, neste, o reinado victoriano (1856-1901), de brilho inexcédível.

Foi durante esse século que nasceu e avolumou-se o interesse pela Orquídea sendo JOHN LINDLEY (1799-1865) reconhecido como o "pai da Orquidologia moderna", ao estabelecer um sistema de classificação científico das orquídeas até então conhecidas.

JOHN LINDLEY

1799-1865

A proliferação de novos gêneros e espécies de orquídeas trazidas à Europa, no século XIX, causou uma verdadeira confusão quanto à terminologia da Família Orquidácea. Sentindo a necessidade de uma classificação sistemática, JOHN LINDLEY estabeleceu um sistema ao enumerar todas as orquídeas até então conhecidas passando a ser reconhecido como o "pai da Orquidologia moderna".

J. D. Hooker, W. Cattley, W. S. Cavendish, G. Benthams, J. Paxton, H. G. Reichenbach, notáveis botânicos, foram alguns de seus íntimos colaboradores e amigos.

Extermamente responsável e cioso de suas obrigações, LINDLEY desempenhou inúmeras funções, como Professor de Botânica, jornalista, escritor e tratadista. Foi membro de cerca de 60 sociedades científicas, nestas incluídas as mais famosas na área da Botânica e na da Horticultura na Europa e nos Estados Unidos da América. Em 1857, a Real Sociedade de Horticultura (RHS) outorgou-lhe a Medalha Real em reconhecimento ao valor de suas obras e por sua vasta contribuição no campo das orquídeas e no da horticultura prática e teórica.

Juntamente com J. Paxton, fundou o conhecido e famoso "Gardener's Chronicle", em 1841.

"Genera and Species of Orchidaceous Plants", "Folia Orchidaceae", "Sertum Orchidaceum", "Treatise on Botany", "Fossil Flora of Great Britain", "Flower Garden", todos os artigos sobre Botânica da "Penny Cyclopaedia" e "Theory of Horticulture", além de inúmeras monografias e assuntos de aulas dadas na Universidade de Londres, onde lecionou Botânica, de 1829 a 1862, foram te

¹R. Nascimento Silva, 568/202.

mas e obras produzidas por seu fértil e vasto conhecimento botânico. Ao aposentar-se da Universidade, recebeu o título de Professor Emérito.

Além dos gêneros *Lindleyella*, *Neolindleya*, inúmeras espécies levam o nome de LINDLEY em sua homenagem: *Barkeria lindleyana*, *Cattleyopsis lindleyana*, *Maxillaria lindleyana*, *Epidendrum lindleyanum*, *Odontoglossum lindleyanum*, *Sobralia lindleyana*, *Spiranthes lindleyana* e *Bulbophyllum lindleyanum*.

Em relação ao Brasil, credita-se a JOHN LINDLEY a classificação de 371 espécies brasileiras sendo, pois, o taxonomista que classificou o maior número destas.

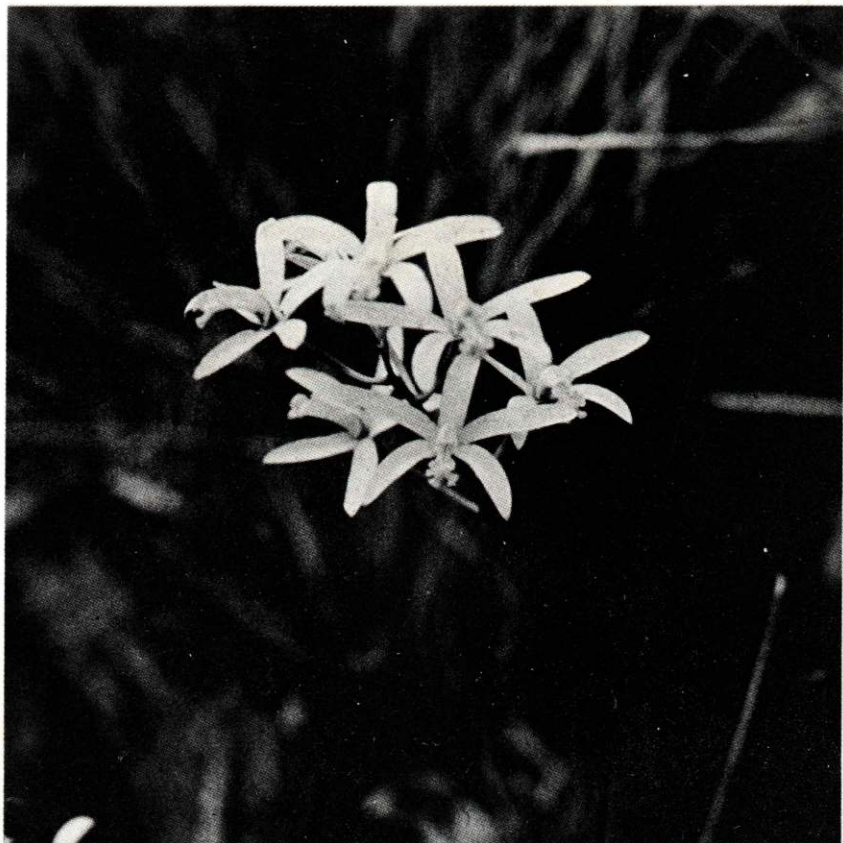
Nascido em Catton, na Inglaterra, em 05.02.1799, faleceu em Londres a 05.11.1965 estando presentes ao seu funeral, entre outros, seus amigos Bentham, J.D. Hooker, T. Thompson e Reichenbach.

A Real Sociedade de Horticultura (RHS) mantém entre suas premiações a "The Lindley Medal", instituída em 1866, em bronze, prata e prata folheada a ouro, concedida a exposições de interesse ou beleza especial.

Foto: F. E. Miranda



Campo rupestre outrora existente em Itabirito. Muitas destas áreas, riquíssimas em espécies de orquídeas, atualmente não mais existem devido à exploração de minério. Como essa exploração é realmente necessária, é o caso de ao menos pensarmos no que pode ser feito com relação à sobrevivência destas espécies.



Laelia flava, uma das mais populares espécies de *Laelias* rupícolas, está entre as raras espécies deste grupo que, em seu habitat natural, prefere locais mais protegidos da insolação total. Desta forma, é mais difícil de ser encontrada sem flores em seu habitat. Para tanto, abriga-se no interior de moitas de pequenas plantas arbustivas ou gramineas. Porém, quando em flor, projeta suas vistosas inflorescências acima desta vegetação protetora, podendo assim ser apreciada, na natureza, em todo o seu esplendor.